CEDI

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : JESP

DATA : 26 07 77

CEDI - P. I. B.
DATA 10 / 05 / 88
COD. ARD 63

CLASS. :

PG. :

# Medo faz o índio reagir, matando

ESP 20/7/77

RAYMUNDO DE SOUZA COSTA
Enviado especial

Quando o sertanista Afonso Alves encontrou o cadáver do colono Pedro Brito Furtado, morto pelos índios araras, em fins de maio, nada parecia indicar que ele, antes de ser atacado, houvesse recebido o aviso: um punhado de pimenta, um casco de jabuti ensanguentado em meio à trilha aberta na mata — última advertência desses índios aos que se atrevem a entrar na selva entre os quilômetros 70 e 140 da rodovia Transamazônica, para que voltem e não penetrem em suas terras. Assim eles haviam procedido há pouco mais de um ano, quando mataram três técnicos de uma expedição da Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais (CPRM) e em outras ocasiões em que se encontraram com os brancos.

Mas essa não foi a única mudança de atitudes dos araras nestes últimos anos. Antes da abertura da Transamazônica, eles mantinham contatos amistosos, frequentes, com os então poucos moradores da região. Com as sucessivas chegadas de levas de colonos, embrenharam-se nas matas do lado esquerdo da rodovia, no sentido de Altamira a Itaituba, no Pará, em área onde é mais intensiva a colonização do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), com 400 famílias assentadas, apenas entre os quilômetros 23 e 180, e vários lotes de ate três mil hectares já licitados. Até o ataque à expedição da CPRM, em fevereiro do ano passado, foram pouco notados. E poucos eram os que acreditavam na existência de índios arredios morando tão perto da estrada, seis anos após sua construção. Nos últimos 18 meses, porém, são conhecidos pelo menos cinco incidentes envolvendo índios e brancos.

Agora, as terras em que habitam foram compradas pela Cooperativa Tritícola Serrana de Ijuí, do Rio Grande do Sul. Para essas terras, que somam um total de 400 mil hectares, estendendo-se entre os quilômetros 85 e 185 da Transamazônica, com fundos para o rio Iriri — apenas uma parte delas, portanto, habitadas pelos araras —, a Cooperativa pretende trazer duas mil famílias de agricultores gaúchos, transferidos dos minifúndios que, atualmente, ocupam em 88,3 por cento na região do planalto gaúcho. Dos 14 mil associados da Cotrijuí, cinco mil já manifestaram interesse em vir para a Amazônia. E a diretoria da Cooperativa não acredita que a presença dos índios seja um entrave para a execução do projeto, mesmo que, para isso, seja necessário abrir mão de uma boa parte da área, pois diz considerar as araras "os legítimos proprietários dessas terras".

Assim, encurralados, aos araras, aparentemente, não resta outra saída a não ser aceitar o contato proposto por uma mal sucedida frente de atração da Fundação Nacional do Índio, que, seis anos após a construção da Transamazônica, não consegue dar continuidade ao trabalho de conquistar a confiança do índio. Nas poucas vezes em que penetrou na mata em seu encalço, geralmente, após notícias de incidentes, a frente sempre esteve do lado oposto à localização da tribo.

### FUGA E MEDO

Há uma semana, os funcionários do Departamento Nacional de Estradas e Rodagens, que fazem o serviço de conservação da Transamazônica, nas proximidades da reserva florestal do INCRA, andam armados e sempre em grupos de, no mínimo, cinco homens. Eles garantem que viram índios araras atravessar a estrada, provocando pânico no acampamento e entre os colonos. Na quarta-feira, a casa da ajudância da Funai em Altamira recebeu um rádio do chefe do posto indígena Baú, dizendo que os araras foram avistados nas imediações do Rio Curuá, em um lugar distante de sua área de perambulação, colocando em fuga geólogos da mineração Cajabi, que trabalham no local. Pouco antes de o colono Pedro Brito Furtado ser morto, os índios teriam atacado um caçador que retirava a pele de um veado, com uma flecha com ponta de caroço de tucum, que não é cortante (outro tipo de aviso dos araras, segundo colonos e caçadores), à altura do quilômetro 125. Têm sido notados outros indícios da presença dos índios, e numerosas são as histórias contadas pelos colonos.

A impressão dos componentes da frente de atração da Funai é a de que os araras, com uma população estimada em pouco mais de 50 indivíduos, em fuga e amedrontados, não desejam o contato com os brancos. "Esses índios eram mansos — assegura o mateiro Milton Lucas do Nascimento, um dos integrantes da frente —, mas a entrada de caçadores em suas terras está deixando-os irritados". Experiente "em andar nas pegadas dos índios", o mateiro garante que nunca os viu "assim tão agitados". Mas para a Funai, a maior dificuldade em estabelecer contato com os araras é o fato de eles serem nômades, difíceis e perigosos, principalmente agora, devido às entradas dos "gateiros" (caçadores que retiram a pele dos animais para vender) em suas terras. É o que parece indicar a morte violenta de Pedro Furtado.

Ele entrou na mata no dia 29 de maio, aproveitando a trilha que dois caçadores de pele abriram, poucos dias antes. No dia 31, seu vizinho do lote 42, gleba 37, estranhou quando viu a cadela, que Pedro sempre levava em suas caçadas, voltar sozinha. Mas somente no dia 5 de junho, como haviam combinado, entrou seis quilômetros na mata e encontrou o cadáver de Pedro Furtado, inteiramente devorado por animais e urubus: as mãos, os pés e a cabeça estavam cortados, separados do corpo, como antes já havia acontecido com os técnicos da CPRM. No mesmo dia, entrou em contato com a Funai, que somente enviou funcionários ao local 15 dias depois, pois a frente de atração estava num local onde havia a informação da presença dos índios (depois, em nota oficial, a Funai diria que o colono foi atacado em 30 de junho).

O sertanista Afonso Alves encontrou mais de seis armadilhas montadas na trilha aberta pelos dois caçadores, com os quais os índios devem ter confundido Pedro.

### INTERDIÇÃO

A Funai modificará "alguma coisa" para melhorar o trabalho da frente e apressar a atração dos araras. Nestes últimos três anos, a frente somente foi acionada em casos de informações sobre a presença dos índios em alguns lugares, segundo os seus integrantes. Não houve, portanto, um trabalho permanente e nem mesmo um posto de atração existe. Desde o ano passado, a frente entrou na mata apenas três vezes: duas, logo após o ataque à expedição da CPRM, e a outra, agora, no ataque ao colono — conta o auxiliar de sertanista Antonio Edivandro Loureiro. E apenas em junho do ano passado foi que Afonso Alves voltou do Amazonas, onde se encontrava trabalhando na atração dos Waimiris-atroaris.

A Funai está providenciando a interdição da área, em uma extensão pequena, inferior à da zona de perambulação dos índios, mas poucos acreditam que essa medida impedirá a entrada dos caçadores na mata, devido às dificuldades de fiscalização. Agora, os colonos estão todos amedrontados e, durante algum tempo, evitarão a área dos índios. Mas é certo que, se os índios não mais aparecerem, em breve voltarão a caçar. "Está todo mundo revoltado, todo mundo contrariado. Se matarem mais um, vai todo mundo embora", diz o mineiro Imar Fagundes, outro vizinho de Pedro Furtado. "Na mata ninguém entra e, se dependesse das mulheres, já tínhamos todos ido embora", confirma Artur Scheineider, do lote 42, gleba 37. Quando anoitece, esses lavradores — mais de trinta famílias morando nas glebas 37 e 39 da vicinal do quilômetro 115, onde juntamente com Pedro, plantam arroz, feijão, cacau, milho e banana —, reforçam as trancas de suas casas, evitam sair, carregam as armas e soltam os cachorros, na esperança de serem advertidos por seus latidos caso os índios cheguem perto. "Só tenho medo de que eles cheguem até em casa. E se matarem minha mulher ou um filho meu, saio atrás desses índios nem que seja a última coisa que eu faça na vida", diz Joaquim de Nazaré Chaves, do lote 22 da gleba 35. Na verdade, não existe um clima de antagonismo entre os colonos em relação aos araras, o que pode, no entanto, vir a acontecer se a Funai não realizar rapidamente o contato. Para Nazaré, "os índios não deixam de estar magoados, pois essas terras em que situaram os cristãos eram deles; então, eles têm raiva".

Alguns colonos, que receberam recentemente lotes do Incra nas glebas 37 e 39, além do lote de Pedro, que era o último da estrada vicinal, pararam seus trabalhos e esperam, primeiro, "que essa colônia que vai entrar aí espante os índios para longe".

Paulo Adão Casa Nova, assessor de planejamento da Cotrijuí, nega essa possibilidade. Segundo ele, o principal objetivo da Cooperativa é o bem-estar do homem, e isso inclui o índio. Se a Funai interditar a área, garantem técnicos da Cotrijuí, eles começarão seus trabalhos por outra área, longe da zona de perambulação dos araras.

É para essa área que está previsto o início dos trabalhos de topografia, levantamento e estudos de capacidade dos solos. E também para abrigar as primeiras 50 famílias que deverão chegar já em 1978. Mas tudo isso somente será resolvido em uma reunião que será realizada terça-feira, em Campinas. Se a Funai desaconselhar ou não der apoio para a entrada dos técnicos, a partir do dia 20 até o dia 10 de agosto, deverá ser escolhida, então, uma outra área.